

## BOOK REVIEW

### RESENHA DE LIVRO

GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

**Marcos Leandro Mondardo**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS  
[marcosmondardo@yahoo.com.br](mailto:marcosmondardo@yahoo.com.br)

O livro de Jones Dari Goettert intitulado **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**<sup>1</sup>, é fruto da tese de doutorado em Geografia defendida pelo autor em 2004 na UNESP, campus de Presidente Prudente. Nessa investigação, o objetivo foi analisar/compreender a migração gaúcha do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso, situada no interior do contexto histórico-geográfico da expansão da fronteira<sup>2</sup>, evidenciando e problematizando as múltiplas experiências migratórias durante as trajetórias, durante os percursos e nos lugares de origem e de destino na migração, com as pessoas (amigos, familiares) destes lugares, dos migrantes e não migrantes.

A análise, deste modo, busca ir além das concepções consideradas neoclássicas sobre a mobilidade espacial da “população” que se apoiaram, principalmente, em análises macro-estruturais dando ênfase, sobretudo, às determinações econômicas e com pouca consideração à dimensão política, social e cultural do processo migratório.<sup>3</sup> Por isso, o autor busca compreender a migração através dos elementos estruturais, conjunturais e subjetivos, ou seja, uma totalidade de dimensões que apreenda e incorpore na análise as mudanças e as experiências cotidianas da mobilidade de maneira multidimensional.

O migrante, para o autor, não é um mero fenômeno do mercado de trabalho e/ou do capital; o migrante é compreendido sobre uma perspectiva humana (subjetiva e cultural) visando demonstrar que, além de corroídos pelo capital e pelas relações de exploração, os sujeitos que se deslocam no e pelo espaço são seres humanos com sentimentos, com histórias, com sonhos, com expectativas, enfim, com uma gama de relações sociais que transcendem a “determinação” econômica e/ou economicista.<sup>4</sup>

Para tanto, desenvolve um método que resgata, através da memória<sup>5</sup> dos migrantes, as relações cotidianas da festa, do trabalho, do namoro, da rua, dos encontros e dos desencontros, da identidade, dos estranhamentos etc. Através da utilização da fonte oral, das falas dos sujeitos pesquisados, vai reconstruindo pela narrativa dos migrantes as experiências migratórias em situações de mudanças como, os medos, as ansiedades, as representações que perpassam o deslocamento, que motivam e/ou condicionam o processo de migrar. Assim, o autor constrói no decorrer da investigação um método

através das falas dos sujeitos, pelo jeito (expressão, forma, conteúdo) que os migrantes vão apontando situações, contextos e relações sociais que desenvolveram e que desenvolvem entre os lugares de origem e destino, entre os lugares deixados e chegados, entre as pessoas que se comunicam e que criam teias, que criam redes de relações sociais através das migrações que vão sendo feitas em pedaços, na transitoriedade migratória. Nas palavras do autor:

Talvez este seja o próprio método que fui construindo: fazer do jeito dos sujeitos da pesquisa o jeito da própria pesquisa. Em outras palavras: fazer da própria fala, enquanto forma e conteúdo interpretativo-filosófico que os sujeitos constroem como jeitos de ver, sentir, experienciar e viver a migração, também um método de entendimento, de compreensão, enfim, de interpretação. Um método interpretativo. A interpretação dos sujeitos da fala foi dando e mostrando o jeito de interpretar e o jeito de reescrever a própria interpretação deles. O método como uma construção no caminho<sup>6</sup>. Nem antes e nem depois. Um projeto, eu sei, meio anárquico, onde “tudo vale”. Ou, que “tudo é possível!”<sup>7</sup>

Assim, para o autor “*experimental as situações de mudança, para quem migra, é tanto tratá-la a partir das relações materiais concretas, como a dada pelo trabalho*”<sup>8</sup>, como também “*pelas expressões da consciência que se originam, aqui, no processo de recordar*”<sup>9</sup> através das lembranças e das relações sociais que foram sendo tecidas, criadas e recriadas (no passado, no presente) com as pessoas dos lugares de origem e de destino na migração. Assim, analisam-se as experiências migratórias que se fazem no próprio processo de produção da experiência social criada no interior de redes, de teias que tecem contatos, vínculos entre familiares e amigos, entre os lugares da migração: o deixado e o chegado.

Através das falas, feitas e refeitas entre o entrevistador e o pesquisador – porque o pesquisador também é migrante e por isso sujeito integrante dos migrantes estudados – é que se estabelece a relação da pesquisa entre sujeito pesquisador e os sujeitos pesquisados, entre os lugares Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, entre os migrantes gaúchos em Rondonópolis e familiares no sul. Os sujeitos da pesquisa são gaúchos migrantes moradores da periferia da cidade de Rondonópolis em Mato Grosso e familiares desses migrantes no Rio Grande do Sul. São, para o autor, “*Mulheres e homens ‘comuns’*”<sup>10</sup>. *Migrantes. Gaúchas e gaúchos. Familiares destes no sul. Mecânicos, donas de casa, motoristas de táxi, pedreiros, professoras, garçons e aposentados. ‘Comuns’: nem ricos nem na contra-ordem*”<sup>11</sup>. Migrantes do trabalho, migrantes que são retratados no seu cotidiano do trabalho e do lar, da festa e da tristeza, da família e da perda, pois:

Os sujeitos deste trabalho - trabalhadoras<sup>12</sup> gaúchas e trabalhadores gaúchos migrantes em Rondonópolis e familiares que permaneceram no Rio Grande do Sul ou mesmo no Paraná – não se inscrevem no rol dos protagonistas de movimentos sociais de nenhuma ordem. São trabalhadoras e trabalhadores que participam de relações no interregno entre as mulheres e homens do “progresso” e entre os contestadores deste modo de pensar e de agir. Nem ascenderam social e economicamente e nem lutam – pelo menos organizadamente - na contestação da ordem e do progresso. Não participam como símbolos da ordem e não participam como participantes da contra-ordem. Não são nem os

“incomuns” ricos e nem os “comuns” dos movimentos sociais. São, assim, os “comuns dos comuns”.<sup>13</sup>

Como um “analista do inconsciente”<sup>14</sup> dos migrantes entrevistados é que o autor vai percorrendo através da narrativa as trajetórias, nos dramas e nas alegrias, nas expectativas criadas pelas mudanças e na frustração do não encontro daquilo que era “esperado” e representado no lugar de destino. Por isso, *foi* através da amizade criada pelos migrantes pesquisados e por dar voz e ouvidos a eles, que a pesquisa vai sendo desenrolada, vai sendo narrada com a arte de re-compor a teia de relações sociais na migração, no deslocamento, no entrecruzamento de lugares e “falas”, dizeres de relações entre pessoas de lugares diferentes, no encontro e no desencontro.

Também, é com cautela, paciência e acuidade que o autor vai demonstrando como resgatar através da memória, os silêncios e as lacunas que se abrem diante do pesquisador e do entrevistado, da relação que busca compreender a trajetória, a mobilidade, as experiências do deslocamento. Logo, para o autor, com o resgate da memória e da fala do jeito do migrante, a migração vai sendo reconstruída através da narrativa aos “pedaços”, como numa colcha de retalhos que vai sendo costurada e reunida, pedaço por pedaço, relações e tensões que compõe a teia social da mobilidade. Assim:

(...) a cautela também é parte da relação entre entrevistador e entrevistado. O desenrolar da conversa entre pesquisador e migrante acaba por se constituir na tentativa de reconstrução de uma trajetória e história que vai aparecendo aos “pedaços”. Pequenos adendos de interrogação, de quem ali está para ouvir, são como “pontos de costura em um tapete de retalhos”. Assim é que “pontos” da conversa vão preenchendo lacunas daquilo que já foi lembrado e falado, da mesma forma que tais “pontos” vão se colocando como novas possibilidades de “retalhos”<sup>15</sup>. É assim, também, que, se de “ponto a ponto se chega no conto”, de adendo a adendo se aproxima do lembrar e do falar possíveis.<sup>16</sup>

Aliado a isso, Goettert demonstra também que a mobilidade é resultado de situações de instabilidade, de crises sociais na vida das pessoas e, por extensão, nos lugares onde estas estão territorializadas ou não e estabelecem suas relações. É, portanto, atrelado ao fundo eminentemente econômico que a migração se dá, mas, o que não faz com que outros condicionantes menos e até mesmo mais importantes participem do processo/ação de migrar. Um processo que é forçado, é violento, é de perda: de amigos, de familiares, de relações, de lugares, enfim, de vivências e experiências comuns em determinado lugar.

Nesse sentido:

As migrações tendem a seguir um *caminho*: de lugares que apresentam perspectivas de instabilidade, estagnação ou empobrecimento, para lugares que apresentam perspectivas de estabilidade, crescimento e enriquecimento. Cada um destes componentes assume a devida importância dependendo de cada sujeito, principalmente do lugar social nas relações tanto do lugar de origem como do lugar de destino. Esta ênfase nas condicionantes econômicas, contudo, deve possibilitar as possíveis e até imprescindíveis relações com condicionantes de ordem familiar e subjetiva, incluindo, aí, as *redes* de informação que se desenvolvem entre “pontos” que podem desencadear a *mudança* de

umas e uns e a permanência de outras e outros.<sup>17</sup>

No interior da migração, das trajetórias o autor analisa como que as representações dos lugares de origem e de destino participam, condicionam, movem e/ou fixam migrantes nos lugares para onde se deslocam, para onde buscam melhores condições de sobrevivência. As representações dos lugares assumem, na troca de informações entre as pessoas dos lugares de origem e de destino, entre as expectativas criadas sobre os futuros lugares, sobre os lugares de futuro condicionantes na/da mudança. Como considera Goettert, “*Esta construção se dá, no mais, em duplicidade, uma vez que na elaboração de expectativas positivas ou cautelosas sobre os lugares de lá também acabam se projetando expectativas negativas sobre os lugares de cá.*”<sup>18</sup>. Nesse sentido, a construção das expectativas sobre possíveis lugares de destino fazem com que haja uma aceleração das expectativas negativas sobre o lugar a ser deixado. Logo, o autor demonstra através de trajetórias como que as informações e os contatos criados *podem* definir uma mudança, *podem* ajudar o migrante a se deslocar e em alguns casos pode até mesmo ser o elemento definidor.

Contudo, a expectativa de trabalho e de bom trabalho alimenta o sonho e/ou *desejo* para migrar. A migração de gaúchos e gaúchas do Rio Grande do Sul e do Paraná para o Mato Grosso é a mobilidade de trabalhadoras e trabalhadores, é a migração do trabalho. A migração para o trabalho. O trabalho é a condição que esta atrelada a sobrevivência dos migrantes nos lugares de destino. No novo lugar a expectativa é sempre renovada. O mercado de trabalho assume, portanto, uma centralidade importante na medida em que exerce atração de migrantes em lugares onde o trabalho se encontra escasso e/ou não se encontra.

Assim, segundo o autor, “*A relação de um com o outro mercado leva à constatação de que – mais que um ‘jogo’ entre o mercado de trabalho de lá e mercado de trabalho de cá – o que se apresenta é um mercado de trabalho único que abarca lugares para além dele mesmo.*”<sup>19</sup> Entretanto, a relação com os mercados de trabalho e os migrantes não se dá de maneira mecânica como, por exemplo, de atração e expulsão; a migração e os mercados de trabalho estão permeados de relações sociais, de redes de contatos e vínculos de familiares e de amizade que ajudam o migrante a se inserir no novo lugar e, por extensão, no novo mercado de trabalho. É, através de uma teia complexa de relações sociais multidimensionais e multiterritoriais (econômicas, políticas e culturais) que as “portas” dos novos lugares se abrem para os migrantes. As redes, portanto, são demonstradas através da análise do autor como elemento imprescindível na ajuda para que o migrante consiga trabalho.

Contudo, participam dessa mobilidade do trabalho condicionantes objetivos e subjetivos, relações de custo/benefício, de sobrevivência e de relações pessoas (familiares, especialmente) que condicionam o migrante a mudar de lugar satisfazendo suas necessidades econômicas e/ou familiares. Logo, para o autor, “*as trabalhadoras e os trabalhadores migram atendendo tanto às expectativas subjetivas quanto às expectativas – exigências e imposições*”<sup>20</sup> – *das mulheres e homens que necessitam de mão de obra – o Capital*”.<sup>21</sup> Ou seja, há uma dialética entre elementos subjetivos e objetivos que condicionam, que participam do movimento humano de deslocamento no espaço, com determinações, imposições e proposições.

Aliado a isso, quem fica na migração, aqueles familiares que não migram são os atores coadjuvantes. Aqueles que manterão vínculos com os migrantes e que serão

constantemente fontes de apoio para estes através de visitas, das lembranças, das comunicações, das relações afetivas. É por aqueles que ficam que o migrante muitas vezes lutará por conquistar seu “espaço” no novo lugar. Será pelos apoios afetivos dos familiares em outro lugar que o migrante terá força para enfrentar, muitas vezes, as adversidades, as dificuldades que se mostram nas novas experiências que serão desenvolvidas. Quem fica, portanto, exerce o papel de apoio, de vínculo imprescindível para que os migrantes se sintam ancorados e seguros na teia das relações sociais entre familiares. Eis, mais um aspecto importante da migração que o autor aborda. Por fim, este demonstra o que aprendeu com a pesquisa:

E aqui aprendi, singela e modestamente, que os sujeitos deste trabalho, trabalhadoras e trabalhadores, transcendem o economicismo e a vulgarização de *interpretações* que desconsideram o *olhar* e o *sentir*, de um lado, e o mercado e o Estado, de outro. Porque, fundamentalmente, as *gentes* dos lugares – de *cá*, de *lá* e *acolá* – devem ser compreendidos nas suas **relações sociais** próximas e distantes, o que necessariamente passa pela observação e análise dos sujeitos enquanto família, lugar, cidade, estado, trabalho, mercado, festa, *nas segundas e sexta-feiras, nos sábados e nos domingos*.<sup>22</sup>

Assim, poderemos aludir que para o autor o migrante é uma acumulação desigual de tempos e de espaços e que, através da transitoriedade migratória os sujeitos que migram – e os lugares que são deixados e chegados – são formados por tempos-espaços diferentes, ou seja, são construídos pelo passado, pelo presente e pelo futuro. Logo, o migrante é formado por tempos e espaços que coexistem (desigualmente), por relações e pessoas de outrora que são levadas nas suas “geografias imaginárias”, pelas relações e pelas pessoas do presente e, pelas motivações do futuro em que migrar pode ou não ser mais uma vez uma nova possibilidade.

Por isso, o livro é uma importante contribuição para aqueles que buscam compreender as migrações para além das fronteiras/“determinações” econômicas. É situada no interior da Geografia da População que a análise se desenvolve, mas, que extrapola para outras áreas através da incorporação, com acuidade, de várias inspirações das Ciências Sociais como, da Sociologia, da História, da Literatura, da Economia, da Filosofia num processo de *transdisciplinariedade* para compreender o migrante e seus lugares. E, é por isso, que o livro se torna uma leitura imprescindível para se analisar/problematiza e compreender homens e mulheres, seus espaços e seus tempos.

## Notas

<sup>1</sup> O autor demonstra no título a inspiração na escolha do nome do livro e dos dos sujeitos que fazem parte da pesquisa, retirada de VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**. O Continente I. 31<sup>a</sup> ed. São Paulo: Globo, 1995. Erico Veríssimo nesse trabalho analisou a imigração alemã no início do século XX para o Brasil, especialmente, para o estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Expansão da fronteira agrícola que foi estudada, dentre outros, por: NASCIMENTO, Flávio Antonio da Silva. **Aceleração temporal na fronteira: estudo de caso de Rondonópolis – MT**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1997, e TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Matuchos: exclusão e terra: do sul para a Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>3</sup> Fundamentando-se a partir da análise de BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, pp. 319-367.

<sup>4</sup> Inspirado muito provavelmente em alguns dos seguintes livros (e pesquisas) sobre migração e a condição humana como, por exemplo: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998. HAESBAERT, Rogério. **“Gaúchos” no Nordeste: modernidade, des-territorialização e identidade**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. SILVA, Armando Corrêa da. *O espaço fora do lugar*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988. SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

<sup>5</sup> Inspirado, por exemplo, em THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990. HALL, Michael M. História oral: os riscos da inocência. *In*: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: DPH, 1992, pp. 157-160., dentre outros

<sup>6</sup> Construção referenciada, em parte, em FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

<sup>7</sup> GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008, p. 35.

<sup>8</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 36.

<sup>9</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 37.

<sup>10</sup> Reflexão a partir de HOBBSAWM, Eric J. **Pessoas extraordinárias**. 2ª ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

<sup>11</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 71.

<sup>12</sup> A partir de THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>13</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 71.

<sup>14</sup> Como se referiu Pierre Bourdieu a Abdelmalek Sayad em sua análise da migração argelina para a França em: BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. *In*: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998, pp. 9-12.

<sup>15</sup> Prudência e acuidade muito provavelmente retirada de AMADO, Janaína (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, pp. 103-130.

<sup>16</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 110.

<sup>17</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 159.

<sup>18</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 159.

<sup>19</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 207.

<sup>20</sup> A partir de GAUDEMAR, Jean-Paul. **Movilidad del trabajo y acumulación de capital**. México: Ediciones Era, 1979. JANUZZI, Paulo de Martino. **Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista**. Campinas: Autores Associados, 2000.

<sup>21</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 208.

<sup>22</sup> GOETTERT, Jones Dari. Op. cit. 2008, p. 454.